

DISCURSO DO PROF. **SAMUEL B. PESSOA** — PATRONO DO
XI CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA
TROPICAL.

Necessariamente minhas primeiras palavras nesta Assembléia, não podem ser outras senão a expressão dos meus profundos e sinceros agradecimentos pela honra insigne que me fez a Comissão Organizadora do XI Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, elegendo-me Patrono deste Congresso.

Esta Sociedade com a realização de 11 Congressos e a publicação de 8 volumes da Revista de Medicina Tropical representa uma sólida e duradoura força científica que nobilita os seus diretores e honra sobremaneira a ciência médica brasileira. Tendo realizado aqueles opimos-trabalhos e colhido forte messe de vitórias nos domínios científicos e social, parece-me que o dinamismo de nossa vida cultural oferece agora novas perspectivas para sua atuação e estímulo mais direto e mais atuante à pesquisa na área de medicina tropical bem como auxílio mais objetivo na formação de pesquisadores neste mesmo setor. Talvez eu não erre em pensar que esta Sociedade es-

pecializada pode fazer frente única com as demais organizações governamentais, encarregadas do estudo e combate às endemias ditas tropicais que ainda assolam algumas áreas do território nacional.

Provavelmente foi o que induziu os organizadores deste Congresso a me honrarem com a minha escolha para seu Patrono, pois sou antes de tudo um velho Professor Universitário, tendo exercido este mister em várias Universidades brasileiras e, dentro da Universidade, desenvolveu-se toda a minha vida médica científica. Nunca as tarefas universitárias me impediram associar-me às organizações e instituições que investigavam e combatiam as doenças parasitárias, que ainda afetam o povo brasileiro.

A Comissão Organizadora deste Congresso acaba de me premiar com a mais alta honraria que me poderia conceder pelo pouco que fiz, mas permita-me, porém, que, sem falsa modéstia, a transfira aos meus queridos amigos e colegas, assistentes, auxiliares

técnicos, e demais funcionários do meu antigo Departamento de Parasitologia da Universidade de São Paulo.

Também deixo aqui exarados meus agradecimentos aos colegas e colaboradores das diversas Universidades, - Departamento de Endemias Rurais, do Ministério Federal de saúde, e do Serviço de Endemias Rurais do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo, à Fundação Gonçalo Moniz do Estado da Bahia, e outros organismos nos quais encontrei grandes colaboradores e deixei os maiores amigos.

Se realmente as Universidades brasileiras têm que formar um grande número de médicos práticos, muito maior do que pesquisadores, também não podemos cruzar os braços e aproveitarmos dos resultados de investigações científicas e tecnológicas realizadas no estrangeiro, para resolvermos os nossos problemas de saúde. Daí ressalta que as escolas médicas brasileiras têm de fornecer aos seus alunos não só sólida formação técnica, como de oferecer ao maior número possível, a possibilidade de dedicarem-se à carreira de pesquisador, tanto no domínio da ciência médica básica, como nas das clínicas e da saúde pública.

Um ponto de grande importância para a formação de novos pesquisadores é a necessidade de dedicarmos atenção mais profunda à formação de quadros jovens, descobrindo os mais aptos, para os auxiliar a desenvolver o seu trabalho de pesquisa ao nível das necessidades de nosso progresso científico.

Talvez seja possível a esta Sociedade organizar-se de maneira a poder prestar auxílio voluntário às Universidades brasileiras, pois muitas delas necessitam desenvolver um ensino mais experimental e menos verbalista.

Realmente não se aprende parasitologia ou microbiologia, que são as bases da Medicina Tropical, só com livros e conferências. As principais preleções precisam ser preleções experimentais. Este conceito nos vem desde o século passado. Como exemplo temos o de Claude Bernard, fundador da fisiologia, de quem seu biógrafo Dastre (1872) escreveu: ele fazia de suas lições prolongamento de seus trabalhos de laboratório pesquisando diante de seus alunos e os associava ao labor eminentemente interessante da investigação e da descoberta. Ao par dessas aulas experimentais o estudante precisa executar trabalhos práticos pessoais, o que, não só o faz aprender objetivamente a ciência que estuda como pode livrá-lo de defeitos do ensino secundário, durante o qual o estudante brasileiro, via de regra, habitua-se a decorar e sente, às vezes, certa repulsa aos trabalhos técnicos ou como se diz vulgarmente, não gosta de trabalhar com suas próprias mãos.

Há muitos aspectos para os quais poderíamos chamar a atenção para o auxílio à formação de cientistas. Vamos lembrar alguns: assim temos a outorga de maior número de bolsas a alunos das séries superiores para auxiliarem os cursos práticos, das cadeiras dos primeiros anos; também é necessário reformar e

reorganizar o sistema de recrutar, preparar, interessar e aperfeiçoar quadros jovens de investigadores universitários. É útil termos contato com estudantes bolsistas, para verificar se realmente estão se dedicando às tarefas científicas que lhes foram atribuídas, pois em numerosas ocasiões, por circunstâncias várias, temos visto acadêmicos bolsistas realizando unicamente serviço de rotina, que melhor caberiam a serventes técnicos de laboratório. Fica-se também espantado ao verificar-se como, em geral, é difícil a publicação de um trabalho científico de jovem pesquisador. Em São Paulo alguns estudantes tendo sentido esta dificuldade, procuravam um professor rogando-lhe chefiar uma campanha para a fundação de uma Revista Científica. O professor porém discordou, pois disse ele que, quem tem bom trabalho científico não o publica no Brasil, mas o faz em revista estrangeira, porquanto revistas nacionais ninguém as lê. Este é um parecer exagerado e não muito verdadeiro, pois são muitas as revistas médicas brasileiras de primeira categoria. Já em 1927, quando fiz o curso de Medicina Tropical no Instituto de Hamburgo, o Prof. Fulleborn, um dos maiores cientistas alemães, levou à aula o último número das Memórias do Instituto Butantan apontando-a aos estudantes como a melhor Revista Médica, publicada naquele ano. Até hoje as Memórias do Instituto Butantan são publicadas com grande êxito.

Sem dúvida alguma o problema da organização das investigações científicas nas Universidades, bem como o da formação de novos investigadores exige soluções mais rápidas e mais objetivas. Um dos óbices é o excesso de alunos e assim deve-se estudar a relação racional entre o número de estudantes e de professores.

A formação de pesquisadores, bem como a pesquisa científica são objetivos muito onerosos para a Universidade; em alguns países, como o Japão, por exemplo, companhias industriais dão 1% de sua renda bruta (o que proporciona 1 bilhão de dólares, anualmente) para a pesquisa científica e tecnológica.

Acho, outrossim, interessante que nossa Sociedade estude a possibilidade de realizar mesas redondas, estritamente técnicas, para o debate de certos assuntos de alta importância para a profilaxia de endemias que ainda incidem no território nacional, como por exemplo, a vacinação contra as leishmanioses, a doença de Chagas e a esquistossomose.

Concluindo estas despretenciosas considerações agradeço à ilustre Assembléia a paciência com que me ouviu ao eminente presidente do Congresso e aos dignos membros de sua comissão organizadora o meu reconhecimento e meus votos de grande sucesso deste conclave e que ele traga real proveito para o melhor conhecimento de nossas doenças tropicais e dos métodos para seu combate.